

O ambiente em sala de aula e a ética no trabalho docente

SAVIO GONÇALVES DOS SANTOS
Mestrando em Filosofia – Ética (Universidade Federal de Uberlândia), Brasil

1. Introdução

"A única coisa que interfere com meu aprendizado é a minha educação."

Albert Einstein

A busca, neste trabalho, por uma análise da relação ética do docente, no ambiente da sala de aula, traz em sua fundamentação influências da Filosofia da Educação, que possibilita um detalhamento da *práxis*³ educacional. Em seu objetivo geral, o artigo reúne argumentos que corroboram a necessidade, inegável, de refletir acerca do espaço do acontecimento – aqui chamado de sala de aula –, e quanto o seu desconhecimento pode tornar esse ambiente inóspito; se não proposta de maneira clara e objetiva, tal situação agrava a sua real função. Num segundo momento, a funcionalidade desse ambiente deve colocar, necessariamente, como requisito basilar a ética; ética esta que, na contemporaneidade, encontra-se concebida erroneamente. Pois se crê que

[...] agir eticamente significa orientar-se segundo máximas capazes de estabelecer as formas corretas de conduta. Tais máximas são, na visão kantiana, normas estabelecidas pela faculdade do discernimento, que, tendo em vista o universal, institui regras para as situações particulares. Assim, um juízo ético pode ser qualificado de concreto quando engloba tanto a máxima universal, ou seja, o princípio genérico que norteia a ação, quanto a regra particular, aplicável a cada situação específica do viver humano (OLIVEIRA, 1996, p. 34).

A discussão se perfaz de uma delicadeza, pois ao convergir a educação para a necessidade de uma ação ética, faz-se preciso repensar a própria lógica do sistema educacional, recolocando as funções familiares, sociais e escolares, ratificando os princípios morais. Assim, ao se olhar para a educação atual, é possível compreender o estágio de estagnação – e até retrocesso – em que ela se encontra, principalmente sob a luz da ética. Não se quer aqui buscar promover uma solução definitiva e imutável para a educação, até porque ela se perfaz de um processo em contínua mudança, atualização, sempre em construção. Nessa constante construção há de se volver a atenção para a recolocação do *lôcus* filosófico, construindo uma educação que tenha, em sua essência, a reta *práxis*, isto é, a *ortopráxis*. Faz-se preciso mencionar o fato de que não se busca aqui “enformar” (leia-se colocar numa forma, num molde) a educação, muito pelo contrário, a lógica é de se buscar criar uma fundamentação educacional que seja o espaço da informação, da criação, da crítica e da auto-crítica, do senso e do contra-senso; uma educação ético-filosófica.

Para conceber o *lôcus* filosófico – base da educação ética –, parafraseia-se o docente Walter Kohan (2003, p. 222), onde se lê: “A educação filosófica é depreciada na imensa maioria dos departamentos [...] das instituições de formação superior e acolhida nos de educação”. O que se quer dizer – ao incluir a filosofia nos tramites curriculares do ensino formativo do docente – é que se volte a educação para um olhar crítico reflexivo, onde ela possa ser transformada em uma *práxis* diária. Dessa forma, a educação converge

Revista Iberoamericana de Educación / Revista Ibero-americana de Educação
ISSN: 1681-5653

n.º 54/1 – 25/10/10

Organización de Estados Iberoamericanos para la Educación, la Ciencia y la Cultura (OEI)

Organização dos Estados Ibero-americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura (OEI)



para o âmbito da subjetividade coletiva², sem deixar de lado a historicidade e a criatividade; onde, levando em consideração o ser humano e suas formas de composição (razão, sentimentos e sentidos) é possível evocar a Teoria do Conhecimento para explicar alguns estágios do caminho a ser seguido, contemplando a forma de ação ética da educação, recolocando as funções das instituições sociais, outrora mencionadas. Para tanto, dividi-se esse caminho em quatro etapas nas quais se fundamenta o pensamento racional: a análise, a crítica, a discussão e a demonstração. É essa linha mestra que orienta a discussão do presente artigo.

Tomando a análise como ponto inicial, pode-se compreendê-la como um método; método no qual – nos dizeres de Descartes – é preciso “[...] dividir cada uma das dificuldades surgidas em tantas partes quantas forem necessárias para resolvê-las melhor” (DESCARTES apud COTRIN, 2000, p. 153); ou ainda, na compreensão de Russell: “A operação que conduz do exame de uma totalidade T à proposição ‘P faz parte de T’ [...]” (RUSSELL apud MARCONDES, 2006, p.9). Dessa forma, ao se encarar a análise como primeiro ponto do processo gerador do conhecimento (*Lócus* – Funções Sociais – Princípios Morais), não se está simplesmente fazendo uma afirmação infundada; mas sim buscando sustentar a ideia de que todos os seres humanos sempre promovem uma detalhada análise antes de se proporem a pensar, ou a fazer algo.

A crítica, por sua vez, aparece como segundo fator na composição do pensamento. Na compreensão kantiana, a crítica ganha o renome de “exame de valor”³, ou seja, parte do princípio de uma opinião fundada na compreensão moral (terceira parte do caminho do conhecimento), o que leva à expressão dos juízos pessoais acerca de alguém, algo ou alguma situação. Portanto, a educação vem como auxiliada pela opinião dos educadores e gestores, sendo formada pela situação particular de cada um dos estudantes. É essa marca diferencial no processo educacional chamada gestão que possibilita uma reinvenção da educação; pois, a

gestão da classe, a gestão do grupo, a relação docente/aluno, aluno/aluno, faz-se sob uma nova abordagem da observação *in loco* por meio da entrevista estruturada, da história de vida, das anotações de campo, sem se falar do longo contato dos sujeitos – docente e aluno, considerando-se o contexto no qual ambos estão na sua imediaticidade situados (CAMPOS, 2007, p. 36).

É justamente esse entrosamento docente/educando⁴, sala de aula/realidade, que nos conduz ao terceiro passo: a discussão. Em uma sala de aula, o diálogo será fator preponderante para que a educação aconteça. Discutir não simplesmente pontos de vista pré-definidos; mas sim, levar a realidade do educando para a aula, e a aula para a realidade do educando. Na compreensão filosófica, tal discussão se converte em argumentação. Não uma argumentação desconexa, mas sim, aquela que nos remete à prática socrática do “parir a idéia”, levando a execução das competências e das habilidades⁵.

A execução das competências e das habilidades levará, indubitavelmente, ao último fator móvel do pensamento: a demonstração. Demonstração que se caracteriza pela capacidade de estabelecer a verdade ou a falsidade de outra preposição chamada conclusão⁶. Em outras palavras, demonstrar algo, em linhas educacionais filosóficas, vai muito mais além do que simplesmente considerar; é antes de tudo, ter a capacidade de não aceitar o sistema pronto e definido, abrindo margem para o questionamento. É saber questionar as preposições e definir metas para que a formação pessoal aconteça, e que o faça de modo crítico e prático, simples e objetivo, reflexivo e atualizado, em constante formação. Assim, a partir dessa compreensão primeira, quer-se levar a visão holística da filosofia para a axiologia da educação, onde

educando e docente possam ser muito mais do que artífices e artefatos, além de serem reconhecidos como agentes transformadores da realidade.

Esse apelo a uma educação humanista supõe repensar o papel da pessoa humana (essencialmente criadora, modificadora da realidade) dentro da educação, para que o educando seja o centro das atenções. Não se trata de uma voltar no tempo pelos idos de 400 d.C., onde a Itália se modificava pelo pensamento humano renascentista, sendo que a forma de se educar se dava através da imposição, ou da pura transmissão de conhecimentos, sem a existência de um debate, e, menos ainda, de uma interação mestre e educando. A educação humanista pode – e deve – ser aplicada nos dias de hoje. Pois o humanismo é muito mais do que uma forma de educar, sua “essência [...] não deve ser vista naquilo que ele conheceu no passado, mas sim, no modo em que o conheceu, na atitude peculiar que adotou diante dele” (GARIN apud REALE, 2004, p. 7). De maneira geral, “[...] o termo humanista indica o ofício do literato, mas essa profissão vai bem além do simples ensino universitário, entrando na vida ativa, iluminando os problemas da vida cotidiana, tornando-se verdadeiramente uma nova filosofia” (REALE, 2004, p. 7). Portanto, a educação e seu profissional têm que adentrar a vida daquele que estuda e compreende; essa volta para uma nova filosofia culminará com o advento da autonomia; pois ela só se dará a partir do momento em que se gerar uma consciência crítica, não só dos problemas e situações, mas de si próprio e do meio em que se vive. E para buscar essa autonomia, ratificando os demais pontos estabelecidos no caminho da educação, faz-se necessário traçar alguns pontos para a reflexão acerca do ambiente da sala de aula, espaço, por excelência, da autonomia, do acontecer; um espaço físico social, o *lòcus* filosófico.

2. Sala de aula: espaço físico social

Em muitos dos casos, a ação docente é vista em paralelo com o ambiente em que se trabalha. Fato é que, tanto ambiente quanto docente estão interligados pelo mesmo objetivo: educar. O espaço educacional, em sua estrutura física, deve buscar promover a educação, contribuindo não só com estruturas arquitetônicas, mas com todo material de apoio técnico pedagógico, que corrobora com a busca de uma educação autônoma. O repensar esse espaço vai muito além de se conceber formas pré-moldadas, para atuação pedagógica; mas é extremamente necessário estabelecer uma relação – estreita – com esse ambiente, em que haja a compreensão de que um complementa o outro, isto é, docente completa a sala, e sala completa o docente. Infelizmente, em alguns casos, o que se vê é um completo descaso por parte das administrações escolares – e mesmo dos docentes – quando se trata de conservação do patrimônio escolar. Esse exemplo mostra que boa parte do corpo de docentes e dos gestores da educação não compreende que

[...] suas ações e seus pensamentos são determinados pelo lugar a que pertencem, já que a cultura de um povo ou de um grupo é produzida por seus próprios componentes, a partir do lugar em que se encontram. Eles, dessa forma, estão presos em teias que eles mesmos criaram, tornando-se produtos e produtores de suas redes de significado [...] (LOUREIRO, 2004, p. 45).

Essa dimensão de formação humano-social, presente no ambiente de sala de aula, retifica os princípios morais, no sentido de que o ambiente educacional é um formador de princípios. E ao se colocar o ambiente como formador deve-se buscar trabalhar esse mesmo ambiente para que ele se torne o mais agradável possível, estimulando a cultura, a ética e a *ortopraxis*. E nesse caminho educacional, estabelecido

no presente trabalho, a adaptação do docente é de fundamental importância; pois tal fato irá refletir em seu comportamento em sala de aula. Para tanto, tomar-se-ão alguns momentos da prática docente para referendar a discussão. Dentre eles têm-se: a chegada, o caminho, a sala de docentes, a coleta de informações, o caminho de volta, o comportamento e o ambiente da sala de aula.

A chegada na escola é um ponto crucial. O docente adentra o recinto escolar, observando tudo e todos; olhando atentamente para aqueles que, possivelmente, serão seus educandos. O caminho entre o bom-dia falado na portaria e a sala dos docentes parece mágico, infindável, um sonho que se realiza. Crianças correndo, jovens conversando, casais de mãos dadas, tudo parece colaborar para que o dia seja maravilhoso. Algumas conversas e cumprimentos depois, o docente adentra a sala dos docentes. O curioso é que qualquer comunicação vinda do novato parece não ser ouvida. Nesta inóspita sala, os docentes preparam suas aulas, corrigem provas e trabalhos; uns reclamam da vida, outros dos educandos, mas, a grande maioria conta ininterruptamente os feriados a serem concedidos naquele ano, mediante o desgaste profissional.

Em casos raros, alguns docentes experientes, ou que tenham passado pelo mesmo processo, aproximam-se e começam a conversar, perguntando a área de ensino e informando sobre o que o neo docente irá encontrar pela frente na sala de aula, que outrora fora dele. Em suma, o que acontece é um despejar de informações – em sua maioria pessimistas e preconceituosas – sobre cada um dos educandos. Pronto! A sala de aula está formada na cabeça do novo docente; e o caminho de volta – pelo mesmo pátio – começa a ficar muito mais preocupante do que alegre.

A entrada na sala é algo memorável. Alguns usam de sinais místicos, apelando para a fé para conseguirem trabalhar. Outros apelam para a euforia e fazem da aula um palco e da escola um teatro. Outros ainda tentam ser duros, manter a disciplina como militar, já impedindo, logo no começo, que surjam reclamações e sugestões. Enfim, a sala de aula tornou-se um pesadelo para os educandos – e para o docente –, onde o centro do mal é o docente. O ambiente de ensino e aprendizagem se converte em local de repressão e tortura, onde a liberdade passa a ser vigiada e tutelada, e as vontades naturais não têm vez. Cria-se uma errônea compreensão de que

[...] a sala de aula é um lugar de disciplina. Lá não se brinca. Desse modo, vê-se que a dimensão lúdica e o prazer são banidos da sala de aula. A sala de aula passa a configurar-se como lugar vigiado. Quando não se consegue encantar os alunos, a sala de aula carrega consigo uma marca de barbárie e tédio (CAMPOS, 2007, p. 42).

Em contraponto, é preciso tomar a figura humana como centro do processo educacional; em sua essência, o humano é um ser composto por dimensões – como dissera Ernst Cassirer. Cada uma dessas dimensões busca desenvolver, na personalidade humana, características que serão fundamentais para a sua convivência em sociedade; entre elas se encontra a dimensão lúdica. O humano é lúdico. E essa ludicidade é altamente aproveitada pela prática pedagógica, por vezes mal interpretada. Portanto, um primeiro ponto a se colocar em reflexão acerca do ambiente da sala de aula é a ludicidade. A sala de aula precisa ser encarada e vivida de modo prazeroso, tanto para o educando quanto para o docente. É preciso tino educacional para compreender que a brincadeira, a espontaneidade, fazem parte do ambiente em sala de aula. É desnecessário dizer que tudo tem seu limite. Mas inúmeros docentes têm medo de abrir espaço para a ludicidade e perder o controle disciplinar. Portanto, é preciso que os formadores de docentes se dediquem a modificar a forma atual da educação, promovendo uma atualização da linguagem e dos meios

pelos quais se constroem o sistema gestor. Assim, é preciso repensar o processo pedagógico pessoal do docente.

A chegada em sala de aula deve ser motivada pela simplicidade. Educação e cortesia devem ser marcas constantes do educador. Buscar usar uma linguagem acessível, mostrando aos educandos que está ali para trocar experiências; pois é na sala de aula que o imaginário toma forma e que nascem os frutos de um futuro, transformando a sala de aula no

[...] lugar onde se tece a elaboração do eu e do outro. É contexto de vivência, de tempos e de movimentos. Lugar de iniciação. Lugar de calendário – o calendário letivo. Lugar de festa, de frustrações, de paz, de tempo, de realização. Lugar-corpo – o corpo da escola. De birô, de carteiras, de estante. Lugar-instante – de práticas e saberes. Lugar de recordações: das amizades, das paixões, dos amores... a sala de aula é um lugar-caminho. Porque é um espaço existencial (CAMPOS, 2007, p. 41).

A sala de aula é lugar de contato. É lugar de romper as barreiras do individualismo exacerbante. Lugar de renovar as expectativas; de rever os sonhos e de construir caminhos. É ponto central da ação dialogada, da conversa construtiva, da crítica cultural e do erro. Em sala de aula é preciso haver acolhimento, conforto; é preciso haver confiança, olhos nos olhos. É onde se inicia o autoconhecimento espontâneo: o conhecer-se. É o

[...] início do caminho do “eterno aprendiz”, que é por onde todos nós deveremos “caminhar” tem início com essa percepção de que “nada sabemos”. [...] esse início de caminhada passa pelo “conhece-te a ti mesmo”... o início de toda sabedoria... o ignorante é aquele que pensa que tudo sabe, jamais se tornará o “eterno aprendiz”... (SANTO, 2008, p. 158).

Da necessidade de ser o “eterno aprendiz”, a sala de aula precisa se converter em espaço inovador, onde a busca pela consciência crítica seja fator preponderante; onde a revelação do ser do humano comece; onde a verdade seja a conquista e a partida seja a busca pelo ser, como outrora dissera o Oráculo de Delfos. É justamente por tais motivos que a sala se torna um espaço físico-social, onde as relações humanas se estabelecem de maneira efetiva. É uma continuação do espaço familiar, do espaço social. Espaço que não pode ser divorciado de um comportamento ético dos princípios morais.

3. Ética: o fator humano na educação

É evidente que como todo processo humano, a educação tem seus momentos de dificuldade. Todo docente que se preze, ao preparar suas aulas, tem a esperança de que os educandos irão responder prontamente aos apontamentos e discussões gestados em sala. O sonho do retorno é algo que todo docente tem. Porém, nem tudo é o que parece. Infelizmente, encontram-se situações em que o desinteresse é tamanho, que educar se transforma em dever irremediável. A falta de empenho por parte dos educandos e de apoio por parte dos gestores, acaba por levar o ato de educar a uma situação inviável. É preciso muita paciência e muita calma. Neste ponto é que a *práxis* educacional possibilitará um diferencial ao docente: o verdadeiro retorno. Em muitos casos, tal retorno acaba por se distorcer e se perder em meio aos valores – salários; eclode o que se chama de mecanicidade. O docente passa a agir por pura repetição. Não mais existe o preparar a aula. Ano após ano o plano de ensino continua o mesmo. As mesmas fichas de anotações são usadas. As mesmas provas aplicadas. Os mesmos problemas aparecem, devido à não atualização da prática docente, uma prática ética.

Ao se falar de atualização da prática docente, pauta-se pela lógica de que todo processo educacional começa pela realidade em que está inserida a escola, o docente, a comunidade e os educandos. Uma educação que não observa tais fatores corre o risco de se tornar apática, chata e irrelevante. Dessa forma,

[...] a prática docente deve ser revista como produtora de um conhecimento que lhe é próprio, gerando uma racionalidade específica como produtora de conhecimento. O docente, pelo diálogo na gestão de classe, contextualizada no ambiente educativo, promove a elaboração de saberes que se fazem pela sua dimensão emancipadora, fruto de uma racionalidade pedagógica (CAMPOS, 2007, p. 25).

Uma ação que vise alcançar tais metas pode e deve ser encarada como a real docência ética, onde o respeito pela realidade, pela opinião, pela crítica, de cada um, seja mantida. Não basta ser docente, é preciso ser docente comprometido. Ser docente é respeitar a opinião dos educandos e dos colegas de trabalho. Muito mais que mediar os caminhos do conhecimento, é preciso unir vida e educação. Quando a educação não se une à realidade, ela corre o risco de se tornar abstrata e, conseqüentemente, fazer do ser humano, que dela depende, um ser também abstrato. “[...] Como consequência da cisão entre pensamento e vida surge “esse homem abstrato, guiado sem mitos, a educação abstrata, os costumes abstratos, o direito abstrato, o Estado abstrato”” (NIETZSCHE apud OLIVEIRA, 1996, p. 36).

É fundamental que o docente ouça as opiniões dos educandos, que saiba entender as críticas recebidas e, além do mais, que dê também a sua opinião. Opinião que forma a “dimensão relacional”; lugar onde “se concretizam trocas, intercâmbios e aprendizagens entre os atores que lá se colocam” (CAMPOS, 2007, p. 40). O docente que compreende a educação sob esse aspecto, voltará a percorrer o caminho da sala de aula para a sala dos docentes, com uma renovada visão acerca da educação. O período a ser passado na sala dos docentes passará a ser marcado, não por tédio e desânimo, mas por uma verdadeira troca de experiências, onde o que se visa é a qualidade no ensino e na aprendizagem. Experiências que são – em teoria – ouvidas nas reuniões pedagógicas.

As reuniões pedagógicas visam a formação continuadas do docente, contribuindo para o avanço da qualidade educacional e, ao mesmo tempo, promovendo uma interação entre os docentes, o corpo dirigente e os especialistas em educação. O que acontece é que muitas dessas reuniões são mal preparadas; não buscam efetivamente tratar de assuntos que engrandecem os docentes. A experiência pessoal e profissional é substituída por assuntos aleatórios, que, em muitas vezes, nada acrescentam ao dia de reflexão. É preciso que a escola aprenda realmente a formar seus docentes, pois

[...] a formação de docentes implica a busca, pela escola, de formas institucionais que favoreçam processos coletivos de reflexão e interação; a oferta de espaços e tempos para os docentes dentro da própria escola; a criação de sistemas de incentivo à sua socialização; a consideração das necessidades dos docentes e dos problemas do seu dia-a-dia (FRANCO, 2003, p. 10).

Vale lembrar que tal formação continuada não visa o enquadramento nos ditames das instituições de ensino e das instituições mantenedoras. Em variadas situações o que se vê é uma busca por enquadrar os docentes em um sistema premoldado; decisões, metas e caminhos a serem seguidos acabam por serem estabelecidos pelo corpo de diretores e especialistas educacionais. A grande questão é que tais profissionais – ocasionalmente – não têm a prática e a experiência de sala de aula. Carecem de uma ambientação na educação prática e, conseqüentemente, acabam vivendo somente a teoria. Não que essa

não seja importante, mas deve haver uma junção de teoria e prática, formando o que chamamos de educação teórico-prática. É preciso que a educação acompanhe a mudança global e atualize a linguagem, sem deixar sua essência de lado, educando para competências⁷ e não só para o conhecimento. É aqui que entra uma educação ética, que reconhece a sala de aula e a prática docente como formadora de princípios morais, que leva à formação do caráter da pessoa humana e, conseqüentemente, à informação.

4. O docente e a ética: a formação e a informação

Um erro comum que acontece nos ambientes educacionais, seja ele a sala de aula, ou a mesa de reuniões, é a confusão entre formação e informação. Normalmente, a definição de informação se resume à transmissão de conhecimentos, sem deixar margem para a interpretação e para colocações pessoais. Literalmente, a informação busca um enquadramento no sistema em questão resumindo-a em educação e aprendizado inquestionáveis.

Já a formação visa um conhecimento aprofundado, onde se percebe uma evolução qualitativa e quantitativa do saber. É aqui que educando e docente podem se expressar, na busca de uma construção verdadeira do ensino e da aprendizagem, mediante a,

[...] interinfluência entre o objetivo e o subjetivo, cuja essência é a experiência social em toda a sua multilateralidade e complexidade que se transforma em conhecimentos, habilidades e hábitos do educando, em idéias e qualidade do homem [...] em seu desenvolvimento intelectual, ideológico e cultural geral (DANILOV apud PIMENTA, 2005, p. 206).

É preciso ressaltar que a formação não visa somente a exposição dos conteúdos; mas inclui a necessidade de uma apresentação do conteúdo⁸. É necessário que o educando consiga elaborar uma ideia central para, a partir daí, criar os meios de entendimento com o docente. E dentro dessa ótica da formação como parte do conhecimento, é preciso ressaltar o papel da cognição⁹, já que na organização das atividades de ensino, o papel de atenção aos educandos envolvidos é de fundamental importância.

Dentro da compreensão filosófica, a cognição ainda é considerada como o conjunto de operações lógicas – associação e implicação – formativas de uma linguagem do pensamento, semelhante a um programa de computador. Assim, o processo de reflexão mediatiza a apreensão da realidade. É semelhante a esse processo a função exercida pelo docente: mediar.

Na atual conjuntura do mundo globalizado, mediar parece ser o mais lógico a se fazer por parte do docente, mas não se resume somente a isso. Em um emaranhado tecnológico, onde a informação percorre rapidamente os passos da educação, é preciso construir uma forma diferenciada de lidar com os educandos. O grande e maior problema – que pode se tornar aliado – é a *internet*. O mundo da *web* alcança cada vez mais adeptos e não é diferente na escola. Não é preciso ir longe para se encontrar exemplos disso. Em sala de aula, onde os recursos pedagógicos são “giz e cuspe” é praticamente sobre humano competir com formas coloridas em quatro dimensões, possibilitadas pelos educandos via *internet*.

Em uma aula, que gira em torno de cinquenta minutos ou uma hora, acaba se levando cerca de vinte minutos a meia hora, para se desenhar os processos de reprodução celular, sendo que na *internet* não se leva nem cinco minutos. Portanto, é preciso que o docente saiba fazer dos meios tecnológicos um aliado.

Criar novas formas de adaptação curricular, onde não se perca de vista o objetivo comum: educar com ética. Ser mediador é muito mais que saber gerenciar o mundo exterior e os educandos; é, antes de tudo, ser [...] um intermediário entre três mundos – o mundo objetivo das coisas materiais, o mundo subjetivo das mentes e o mundo dos produtos do espírito humano [...] (LOUREIRO, 2004, p. 83).

A lógica da existência entre tais mundos deve ser perpassada pela postura ética – como já mencionado; do contrário, corre-se o risco de simplificar a mediação em simples exposição que, dessa forma, cabe ainda saber incluir no campo dos mundos, o mundo do *ethos* que,

[...] envolve a individualidade (subjetividade) e a coletividade (intersubjetividade) dos seres humanos dotados de sentimento (*pathos*) e razão (*logos*). Nesse sentido, a prática do bem ou da justiça estaria ligada ao respeito às leis da *polis* (heteronomia) e a intenção individual (autonomia) de cada sujeito (PEQUENO, 2003, p. 2).

Portanto, no processo de educar deve-se levar em consideração a pessoa do educando como parte do processo do ensino-aprendizagem. Há a necessidade de que o docente saiba quem são seus educando, de onde vieram, quais as expectativas, anseios, entre outros. Essa interação entre o docente e o educando dará uma característica informal à aula e tornará, indubitavelmente, o ambiente mais agradável. Ações desse porte levam a uma baixa nos índices de desinteresse por parte dos educando, dando precedente para um trabalho detalhado sobre a falta de comprometimento, passividade, individualismos, formas tão conhecidas da globalização, conforme apontam pesquisas (Davis, Kogan e Soliman, 1999; Fleith, 2000; Mitjáns Martínez, 2000; Sternberg e Williams, 1996; Wechesler, 1995; Woods, 1995). Dessa forma,

[...] o docente é o grande mediador da escola, pois transita entre instâncias hierarquicamente constituídas entre as quais estabelece pontes, atua dentro e fora da sala de aula, medeia todo o processo ensino-aprendizagem ao trabalhar o conhecimento no processo informativo dos alunos e procede à mediação entre os significados do saber do mundo atual e aqueles dos contextos nos quais foram produzidos (LOUREIRO, 2004, p. 83).

Cabe ao docente a missão de cativar e educar, de encaminhar e caminhar, de saber e partilhar, de ouvir e refletir, de dizer e fazer. E para isso é preciso motivação, motivação educacional. A motivação educacional não pode ser confundida como motivação profissional. Mesmo que muitos docentes dependam exclusivamente de sua docência para sobreviver, não se pode deixar de lado o amor à educação. É evidente que a profissão existe e, com ela, todos os possíveis e cabíveis encargos. Alocar salários dignos aos educadores com certeza aumentará o desempenho profissional, mas nem sempre o educacional. A profissão emerge em dado contexto e momento histórico já a motivação educacional surge com a historicidade e a experiência do docente. É por isso que algumas profissões surgem e desaparecem ao longo do tempo. A docência existe, de variadas formas, de vários modelos, em épocas distintas.

O docente nunca desapareceu; ele simplesmente “[...] se transforma adquirindo novas características para responder a novas demandas da sociedade” (PIMENTA, 2005, p. 18). Toda motivação profissional aparece a partir de regras e ditames impostos pelo sistema, por regras ditadas por terceiros. O docente se motiva pelo seu educador, seus valores, seus modos, sua história de vida, seus problemas, sonhos e modos. Tal motivação se une à experiência, à reflexão, e com o passar dos anos, surge a didática. A didática se classifica pela forma como o docente passa a interagir em sala de aula, mediando conhecimentos e saberes, dando forma e cor à educação, partindo da realidade de cada educando. Assim, a educação se torna

[...] um processo de humanização que ocorre na sociedade humana com a finalidade explícita de tornar os indivíduos participantes dos processos civilizatório e responsáveis por levá-lo adiante. Enquanto prática social é realizada por todas as instituições da sociedade (PIMENTA, 2005, p. 23).

A prática social pode entender que a educação está inserida em um meio social. Ela depende não só do docente, mas também da família, da comunidade e da escola. Vale ressaltar a problemática da temática em questão, devido o seu caráter de transdisciplinariedade; são tematizações que ultrapassam os limites da escola e da família como instituição social.

Quando se olha para a trilogia família, comunidade e escola, nota-se que antes da educação há uma defasagem nos preceitos morais e éticos, que dificultam o agir da educação e da aprendizagem. A crise ética que assola a humanidade torna-se alvo de grandes discussões, debates e diálogos; a ética ganhou um renome de qualidade, e não mais é vista como algo puramente natural, intrínseca e inata ao ser humano. Em linhas gerais, não é mais vista como uma virtude. Diante de tais fatos, surgem inúmeros argumentos para se explicar por que a humanidade perdeu sua raiz ética natural e, conseqüentemente, o sentido de sua liberdade. Não uma simples liberdade, erroneamente concebida como fazer o que se quer, mas a liberdade natural que “[...] consiste menos em fazer sua vontade do que submeter-se à dos outros; consiste ainda em não submeter a vontade de outrem à nossa” (ROUSSEAU, 2006, p. 428) .

Ao se tomar por base a relação família e escola. Na conjuntura atual, a escola tem assumido os papéis que antes eram da família. Diuturnamente assiste-se a cenas lastimáveis de agressão em escolas e nas famílias. Ouvem-se depoimentos de mães e pais desesperados que não sabem mais o que fazer com seus filhos e filhas; universitários que maltratam os colegas por conta de recepções acadêmicas; enfim, casos em que a moral, antes familiar, vem sendo substituída pela imoralidade social. Ao invés de se tomar medidas cabíveis, o que se vê são docentes reclamando das famílias e famílias reclamando dos docentes. Assim, “[...] devemos compreender que a posição dos pais é de quem pede ajuda, pois eles não sabem o que é educar” (CAMPOS, 2007, p. 53).

Daí a importância da escola criar projetos pedagógicos que envolvam toda a família; é preciso abraçar a educação como um todo e tornar os pais educadores por excelência. Não adianta fugir dessa realidade. Os problemas surgirão em sala de aula, pois os educandos vêm dessa realidade. Mais cedo ou mais tarde os docentes acabarão por lidar com problemas diversificados das famílias dos educandos. Portanto, a escola tem que tentar promover uma interação com os pais, seja com projetos, palestras, visitas em casa, enfim, há a necessidade de se mudar esse perfil de família e escola, antes que todos aqueles que fazem parte desse processo se percam: pais, filhos, escola e docentes, contribuindo para a formação e a informação.

5. Conclusão

É desnecessário dizer que a análise do atual estágio da educação é subjetiva. Não se pode correr o risco da generalização¹⁰. Cada caso é preciso ser observado em sua singularidade, mas a lógica da educação precisa ser reinventada, isto é, uma última observação neste trabalho. Tal lógica, estabelecida pela educação, deve passar pelo pensamento, buscando a formação de ideias e conceitos; estes que têm como objetivo conferir sentidos e nexos - mostrar a relação causa/efeito - daquilo a que se refere tal idéia.

Assim, numa reta forma de educar, que vise à libertação dos grilhões da globalização que pode minimizar o humano, o pensamento se torna o primeiro passo a ser trabalhado; pois o pensamento elabora teorias, ou seja, uma explicação ou interpretação intelectual de um conjunto de fenômenos e significações, que estabelece a natureza, o valor e a verdade de tais fenômenos.

Não se pode olhar para a educação sem a ética. A importância de a educação construir um caminho ético, onde o educando possa aprender a pensar de modo crítico, a construir ideias, elaborar teorias, mas, principalmente, agir de modo coerente numa sociedade que prega o individualismo relativista. A ética tem a função de encaminhar para a liberdade e não o contrário. A liberdade possibilita a ética, e a ética salvaguarda a liberdade. Não se divorcia ética e liberdade, ambas as duas caminham juntas. Desse modo, chegamos à conclusão de que a ética educacional é o caminho para o resgate do ser do homem.

A falta de uma educação ética que vise à formação da consciência crítica e da *práxis* leva a eclodir na humanidade os falsos valores, que matam o ser humano, e os anti-valores, que a assolam. Ambos evitam a emancipação do humano, tolhem a construção do ser, criam caminhos diversos, desviando a atenção da pessoa humana, e volta-a para o totalitarismo econômico, para a violência, as drogas, a prostituição, fazendo do ser humano um simples objeto, ou mesmo produto de consumo descartável, nivelando os valores.

Dessa forma o trabalho na busca da reinvenção do ser do humano, seus valores e sua vida, passa pela revisão dos conceitos antropológicos, ontológicos e, principalmente, pela dissolução da falsa liberdade e dos falsos valores, mostrando a igualdade da espécie humana e ao mesmo tempo suas diferenças. É preciso pautar pelo respeito à vida, da confiante ajuda mútua na construção do ser de cada um, possibilitando um encontro com a essência e a liberdade, tão almejada e tão inata ao homem; essência essa, que não se faz possível sem uma real compreensão e vivência da ética e, conseqüentemente, da educação.

A educação deve ser ponto inseparável da ética. A ética é caminho obrigatório da educação. O intuito é formar seres humanos novos, capazes de assumirem a responsabilidade pelo seu mundo, mas principalmente pelos outros. Seres humanos conscientes, portadores da verdadeira prática refletida que leva à construção de um mundo mais justo, solidário e mais humano. Seres humanos docentes, que interajam com o mundo e com os outros, sabendo unir realidade, verdade, vida, educação, ética e, acima de tudo, utopias. Pois se a educação não for utópica, o mundo continuará igual, sem avanços e sem metas; para não acabarmos como no pensamento de Einstein: "Educação é o que resta depois de ter esquecido tudo que se aprendeu na escola" e voltemos para uma educação ética.

Bibliografia

- ABBAGNANO, Nicola, (1982). *Dicionário de Filosofia*. 2ª. ed. São Paulo: Mestre Jou.
- CAMPOS, C. de M., (2007). *Saberes docentes e autonomia dos docentes*. Petrópolis: Vozes, 102 p.
- COTRIN, G. (2000). *Fundamentos da Filosofia: história e grandes temas*. 15ª. ed. rev. amp. São Paulo: Saraiva. 336 p.
- DAVIS, G. A., KOGAN, N.; SOLIMAN, A. M. (1999). The Qatar Creativity Conference: Research and recommendations for school, family, and society. *The Journal of Creative Behavior*, 33, p. 151-166.

- FRANCO, Creso & SZTAJN, Paola (2000). Educação em Ciências e Matemática: identidade e implicações para políticas de formação continuada de docentes. *In: MOREIRA (org.) Currículo: políticas e práticas*. 2ª.ed. Campinas: Papirus. p. 10.
- FLEITH, D. S. (1994). Treinamento e estimulação da criatividade no contexto educacional. Em E. M. L. S. Alencar & A. M. R. Virgolim (Orgs.) *Criatividade: Expressão e Desenvolvimento*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- KOHAN, W. O., (2003). *Três lições de filosofia da Educação*. Texto disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v24n82/a12v24n82.pdf>>, acesso em 3 de março de 2009. p. 221-228.
- LOUREIRO, A. M. B., (2004). *Docente: identidade mediadora*. São Paulo: Loyola. 114 p.
- MARCONDES, D.; JAPIASSÚ, D., (2006). *Dicionário básico de filosofia*. 4ª.ed. rev. amp. Rio de Janeiro: Zahar. 309 p.
- MITJÁNS MARTÍNEZ, A. (2000). Pensar, crear y transformar: Desafíos para la educación. *Anais, I Simpósio Multidisciplinar: Pensar, Criar, Transformar*, p. 15-25.
- OLIVEIRA, R. J., (1996). *Ética e Educação*. Texto disponível em: <http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE02/RBDE02_05_RENATO_JOSE_DE_OLIVEIRA.pdf>, acesso em 3 de março de 2009. p. 33-41.
- PEQUENO, M. (2003). *Ética, Educação e Cidadania*. Texto disponível em: <http://www.dhnet.org.br/dados/cursos/edh/redh/01/04_marconi_pequeno_etica_educacao_cidadania.pdf>, acesso em 3 de março de 2009. 5 p.
- PIMENTA, S. G., ANASTASIOU, L. das G. C., (2005). Do ensinar a ensinagem. *In: Docência no Ensino Superior*. 2ª.ed. São Paulo: Cortez. p. 203-243.
- PIMENTA, S. G. (Org.), (2005). Formação de docentes: identidade e saberes na docência. *In: Saberes pedagógicos e atividade docente*. 4ª.ed. São Paulo: Cortez. p. 15-33.
- REALE, G.; ANTISERE, D., (2004). *História da Filosofia: do humanismo a Descartes*. São Paulo: Paulus. 321 p.
- ROUSSEAU, J. J., (2006). *Cartas escritas da montanha*. São Paulo: Unesp. 449 p.
- SANTO, R. C. do E., (2008). *O Renascimento do Sagrado na Educação: o autoconhecimento na formação do educador*. Petrópolis: Vozes. 183 p.
- STERNBERG, R. J.; WILLIAMS, W. M. (1996). *How to develop student's creativity*. Alexandria, VA: Association for Supervision and Curriculum Development.
- VALLS, Á. L. M. (1984). *O que é ética*. São Paulo: Brasiliense. 82 p.
- VÁZQUEZ, A. S., (1977). *Filosofia da Práxis*. 2ª.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- SZTAJN, P., BONAMINO, A. & FRANCO, C. (2003). Formação docente nos surveys de avaliação educacional. *In: Cadernos de Pesquisa, nº 118*. Campinas: Autores Associados.
- WECHSLER, S. M. (1995). O desenvolvimento da criatividade na escola: Possibilidades e implicações. *Estudos de Psicologia*, 12, p. 81-86.
- WOODS, P. (1995). Aspectos sociais da criatividade do professor. Em Nóvoa, A. (Org.) *Profissão professor* (pp. 125-153). Portugal: Porto Editora.

Notas

[1] “É possível falar “falar de níveis diferentes da praxis, de acordo com o grau de penetração da consciência do sujeito ativo no processo prático e com o grau de criação ou humanização da matéria transformada evidenciado no produto de sua atividade prática. Distinguimos por um lado a “praxis criadora” (reflexiva) e a “reiterativa” ou imitativa (espontânea) por outro. Essas distinções de nível não eliminam os vínculos mútuos entre uma e outra praxis, eles se dão no contexto de uma praxis total, determinada por sua vez por um tipo peculiar de relações sociais. Por isso, o espontâneo não está isento de elementos de criação e o reflexivo pode estar ao serviço de uma práxis reiterativa, visto que o sujeito e o objeto se apresentam em unidade indissolúvel na relação prática” (VÁZQUEZ, 1977, p.245-259).

[2] Ao nos referirmos a subjetividade coletiva, voltamos nossa atenção para a valorização da autonomia dos seres e, ao mesmo tempo, a junção das autonomias em sociedade.

- [3] "Do uso kantiano da palavra "crítica", deriva o termo "criticismo" que designa a filosofia de Kant que estuda as condições de validade e os limites do uso que podemos fazer de nossa razão pura" (MARCONDES, 2006, p. 62).
- [4] A palavra educando visa substituir a palavra aluno devido a sua etimologia. Educando é aquela pessoa que faz a educação acontecer, que é capaz de elaborar suas idéias, de criar uma compreensão do mundo; uma consciência crítica. Ao contrário, aluno significa pessoa sem luz (a = partícula de negação//*lunus* derivada da palavra latina *lux*= luz).
- [5] "A utilização das competências deve se valer das disposições que utilizamos para estabelecer relações com e entre objetos, situações, fenômenos e pessoas que desejamos conhecer. As habilidades decorrem das competências adquiridas e referem-se ao plano imediato do 'saber fazer'. Por meio das ações e operações, as habilidades aperfeiçoam-se e articulam-se, possibilitando nova reorganização das competências" (MEC, 2007).
- [6] Seguindo uma linha de raciocínio mais objetiva, a demonstração pode ser compreendida como "[...] raciocínio que permite passar de proposições admitidas para uma proposição que resulta necessariamente delas. [...] A expressão adequada seria verificação experimental, a que estabelece a validação de uma hipótese" (MARCONDES, 2006, p. 68).
- [7] "A educação para um mundo em mudança é chamada a organizar os novos modos de conhecer, refletir e aprender. No plano prático, trata-se de uma crítica ao modelo da escola tradicional e conteudista, em que o processo de ensino e aprendizagem era centrado no docente. Os objetos do conhecimento eram determinados pelo mestre-escola. O conhecimento era decorável e a aprendizagem se limitava à memorização de conteúdos e fatos" (CAMPOS, 2007, p. 87).
- [8] A didática em sala de aula, e mesmo fora dela, deve ser revolucionária. Ela se dirige para "[...] uma meta, que se pode encontrar para além dos limites da própria atividade de um dos seus segmentos, exigindo condições temporais, local planejado e estipulado e participação conjunta dos sujeitos envolvidos no processo, docente e alunos" (PIMENTA, 2005, p. 205).
- [9] "[...] a cognição, enquanto possibilidade de expressar em símbolos conteúdos mentais aprendidos, não termina após formada a abstração desse mesmo conteúdo, mas inicia-se justamente aí, na abstração. Incorporando as operações realizadas, a cognição se realiza quando supera o isolamento em que se definem os conceitos, pondo-os em relação uns com os outros, de modo a comporem estruturas teóricas, estas, sim, explicativas da realidade" (WACHOWICZ apud PIMENTA, 2005, p. 212).
- [10] Entenda-se aqui o conceito de generalização onde o sentido é: "operação mental que consiste em estender a toda uma classe de seres ou de fenômenos aquilo que é constatado em alguns seres [...]" (MARCONDES, 2006, p. 120).